



Diego Tecchio

ENSINO E PESQUISA EM HISTÓRIA

o processo de formação docente

Caros alunos

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa *Adobe Reader 11*.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto a barra superior ou inferior pode lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse pdf, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

Apresentação

Caros(as) pós-graduandos. Este é o e-book da disciplina “Ensino e pesquisa em história: o processo de formação docente”. Neste material, vocês encontrarão um texto que aborda um conceito chave para o entendimento dos processos estudados nas três unidades do livro base da disciplina: Identidade. Trata-se de um recorte da discussão teórica que realizei em minha **dissertação de mestrado**. Apresento o conceito de identidade na perspectiva do debate entre diferentes autores, e com algumas modificações no texto. O objetivo é que o material amplie as discussões da disciplina e ofereça indicações de outras leituras acerca dos temas em estudo.

Boa leitura a todos e todas!

Diego Tecchio

De fato, a representação justa de uma identidade não é aquela da qual se admite o desaparecimento? Elaborando sua relação consigo e com o mundo, o homem deve fazer frente a duas verdades as quais tem dificuldade em suportar: 1) que morrerá; 2) que será esquecido. Ambas significam a destruição de sua identidade. Talvez a segunda verdade seja ainda mais terrível que a primeira, donde o desejo permanente de fazer memória, quer dizer, deixar seu traço, sua marca, seu sinal, criar, construir, ter filhos, transmitir, assumir sua posteridade, esperando assim afastar seu esquecimento ou pelo menos atenuar sua brutalidade.

Joël Candau

Pensando sobre o processo de construção da história, principalmente em seus processos locais, Cerri (2008) afirma que a questão da identidade se apresenta em nosso contexto enquanto aspecto dramático, haja vista que a ideia de uma identidade fixa, que dê ao sujeito estabilidade e certezas, não pode mais se sustentar. Cerri afirma, a partir de discussão entabulada com Ortiz e Giddens, que a modernidade acabou por diluir as fronteiras do que até então era cômodo, reivindicando assim um pertencimento a algo maior, um "pertencimento político-territorial".

Existe uma disputa entre a tradição e o novo que, segundo Cerri "[...] trata-se de um verdadeiro campo de batalha, onde o espólio é a identidade primeira, a autodefinição prioritária na hierarquia de pertencimentos de uma pessoa [...]" (2008, p. 31). O autor sublinha que, no âmbito

dos embates e disputas da identificação, cidades, bairros e territórios têm se apresentado como “espaços contraditórios”, espaços de disputa no processo da construção da identidade, onde se encontram e se cruzam “tradições ancestrais” e as questões da modernidade e suas incertezas. O autor entende

O estudo da História Local, dialeticamente, como uma busca do particular e do diferente, daquilo que diverge e relativiza histórias e identidades mais amplas (como a nacional), simultaneamente com a demanda da universalidade humana naquilo que aparentemente é particular (CERRI, 2008, p. 33).

A história local assim apresentada se percebe como locus de uma procura por algo que nos faz diferentes e, ao mesmo tempo, tem a capacidade de nos localizar em meio a uma realidade social, como algo capaz de relativizar identidades impostas. Cerri afirma que se deve tomar precauções no trabalho com a história local, pois ele necessita ser pautado por referenciais que tenham significados e que

consigam assumir significações aos alunos, caso contrário ele não conseguirá atingir o objetivo da construção do conhecimento e cai no vazio, na medida em que “[...] o local não está no espaço e sim na experiência dos indivíduos.” (2008, p. 37).

Hall (2006), que abre seu texto com tão propalada afirmação de que existe uma “crise de identidade” abalando as estruturas do homem pós-moderno. Para o autor, as fronteiras bem definidas do homem da sociedade moderna o localizavam e definiam no “mundo social e cultural”, premissa que fora abalada na modernidade tardia com o descentramento das identidades modernas. Hall propõe um “caminho” trilhado desde o iluminismo na tentativa de compreender de que maneira o conceito de identidade transformou-se do “sujeito iluminista” para o “sujeito sociológico”,



daí para o “sujeito pós-moderno”. O sujeito iluminista tinha suas bases na ideia centrada do individual, identificando-se com bases em parâmetros de si mesmo. O sujeito sociológico, frente à complexidade do mundo moderno, passa a encarar aquilo que é, a partir de seu relacionamentocomasoutras pessoas,sendoque na modernidade tardia – processo atravessado pela “globalização” – as fronteiras entre uma cultura e outra são porosas e possibilitam que nos identifiquemos com várias identidades possíveis.

Identidade e Representação

Conforme Chartier (2002) a “presentificação do ausente”, sendo um meio pelo qual se dá a representação, atua dando corpo àquilo que já não mais existe, mas que passa a existir por meio de sua invocação, e toma corpo na leitura de mundo daqueles que comungam desse processo.

A identidade que muitas vezes vemos difundida em manuais didáticos, programas de TV, imagens, se estabelece nesse sentido, quando o passado, evanescido pelo tempo, ganha corpo nos textos e produções sobre de história (local, regional, nacional) e é disseminado com o apoio daqueles que participam desse sentimento de pertença e têm interesse em se fazer presente nessas lutas de classificação. Mesmo visando à homogeneidade a partir da construção de “uma história”, acaba por excluir os sujeitos para os quais aquele passado e leitura de mundo não tem como fazer sentido. Woodward (2011) salienta que as representações, enquanto caminho da construção da identidade, atuam na produção dos significados a partir dos quais damos sentido a nossas experiências; a representação atua no estabelecimento de identidades à medida que constrói os lugares a partir dos quais os indivíduos se posicionam e falam de si, construindo seus discursos e disputando seus espaços nas relações com o “outro” (WOODWARD, 2011, p. 19).

Fonte: <http://derisada.com/crise-da-representacao>

Desse modo, identidade atua por meio do diferente, e não idêntico, estabelecendo e marcando fronteiras simbólicas no território do social. Woodward ainda afirma que tanto as causas quanto as consequências dessas disputas de identidade podem ser materiais, e visam aos espólios conseguidos com os embates que travam. Assim, a história que temos contada “por aí”, não se trata da história de todos, e o passado defendido pelas várias formas de se escrever a história, muitas vezes beneficia uma parcela daqueles que detêm o poder de escrevê-la; antes de ser comum, é o legado de um grupo social.

Pensamos que a defesa, construção e reiteração de identidades é um processo indissociável da produção da diferença e do diferente. Assim, a partir da composição desse binômio, vemos no palco do campo social as batalhas travadas a partir das lutas

de representação, pois “[...] a identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido (SILVA, 2011, p. 91).

Vários diferentes formam um igual?

Operários. Tarsila do Amaral. Disponível em: <https://bibliobelas.wordpress.com/2011/06/>

Acreditamos que é possível pensar a identidade entendida enquanto processo produzido a partir do jogo dos relacionamentos sociais. Esse jogo é crivado por uma extensa gama de variáveis que, ao estabelecerem suas intenções, dão existência a definições e pertencimentos. Assim, concordamos que

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo do cultural e do social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2011, p. 76).

Tendo em mente tais premissas, consideramos que trabalhar com a identidade não se trata, centralmente, apenas de uma categoria de análise. Para nós, a produção da identidade e da diferença está intrinsecamente ligada aos processos pelos quais a própria sociedade se produz cotidianamente. Por isso mesmo, ela guarda estreitas relações com a história e seus mecanismos, e é, ao mesmo tempo, processo de inclusão e exclusão pois,

As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em "exterior", em abjeto. Toda identidade tem, à sua "margem", um excesso, algo a mais. A unidade, a homogeneidade interna que o termo "identidade" assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe "falta" – mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado (HALL, 2011, p. 110, grifos no original).

Esses processos, por vezes, encontram na história o locus ideal para colocarem em prática seus projetos, e por isso, o exercício de analisar a sua escrita se constitui também do esforço de procurar entender as vias pelas quais se dão a consolidação de ideias, imagens, e de onde vêm esses elementos.

Um exemplo prático: fragmento de um estudo de caso

Estátua equestre do Tenente Coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal, localizada em uma rotatória da Avenida Manoel Ribas, da cidade de Guarapuava.

Acervo do autor.



A comemoração dos duzentos anos de Guarapuava, em 2010, nada mais foi do que uma data inventada, que foi propícia para o momento, fruto do desejo de grupos políticos com intenções específicas, que não vem ao caso enumerar. Assim, essa construção histórica, ao selecionar a memória, serviu de matéria prima capaz de justificar as atitudes presentes. Dentre as figuras já nomeadas que ganham características heroicas, uma delas se destaca. O Tenente Coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal, de “injustiçado” passa a ser exaltado como o principal herói dos tempos difíceis da ocupação. A inauguração de uma estátua equestre que o representa em uma das rotatórias da Avenida Manuel Ribas, em Guarapuava, foi um dos eventos comemorativos dos duzentos anos da cidade.

Altivo e vigilante sobre o seu cavalo, a figura de Diogo Pinto de Azevedo Portugal parece ocupar o lugar que tanto tempo esperara. Não é demais afirmarmos que ao ocupar esse lugar, ele não representa somente a si, mas àqueles que dele se utilizam para legitimar seus lugares

sociais. Talvez o sentido que alcança para esse grupo não seja o mesmo que possui para grande parcela da população, haja vista que desde a sua inauguração a estátua virou ponto de referência na cidade sendo chamada de “trevo do cavalo”.

Referências

ALVES, Rubem. O Gambá que não sabia sorrir. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/67657611/O-Gamba-Que-Nao-Sabia-Sorrir#scribd>>. Acesso em: 05/08/2015.

CERRI, Luis Fernando. Cidade e identidade. Região e ensino de história. In: ALEGRO, Regina Célia. (orgs.). Temas e questões para o ensino da história do Paraná. Londrina: EDUEL, 2008.

Charge Crise da representação. Disponível em: <<http://derisada.com/crise-da-representacao>. Acesso em 15/08/2015.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. A beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2002.

_____. A história ou a leitura do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Documentário Pro dia nascer feliz, Ano de Lançamento (Brasil): 2006. Estúdio: Trambellini filmes / Fogo Azul filmes. Direção, roteiro e edição: João Jardim. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g5W7mf>>. Acesso em : 03/08/2015.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Filme Narradores de Javé, Ano de Lançamento (Brasil): 2003, Estúdio: Bananeira Filmes / Gullane Filmes / Laterit Productions, Distribuição: Riofilme, Direção: Eliane Caffé, Roteiro: Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé, Produção: Vânia Catani, Música: DJ Dolores e Orquestra Santa Massa, Fotografia: Hugo Kovensky, Direção de Arte: Carla Caffé, Edição: Daniel Rezende. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8>>. Acesso em: 03/08/2015.

Operários. Tarsila do Amaral. Disponível em: <<https://bibliobelas.wordpress.com/2011/06/>>. Acesso em: 15/08/2015.